

A educação popular no Brasil: conversa com Carlos Rodrigues Brandão

Fernanda dos Santos Paulo

fernandaeja@yahoo.com.br

AEPPA/MEP- PPGEd/UNOESC

Nos dois últimos anos, a Educação Popular tem sido discutida no Brasil e em outros países da América-latina – sobretudo por conta do centenário Paulo Freire (1921-2021). Carlos Rodrigues Brandão é um dos professores que esteve presente em vários espaços que debateram temas referentes à obra e a vida de Paulo Freire. Nesse cenário, Brandão contribuiu com uma multiplicidade de temáticas e duas se destacam: a Educação Popular e a Pesquisa Participante. Destes temas escolhi compartilhar parte de uma das entrevistas que realizei com ele no ano de 2015.



Quem é Carlos Rodrigues Brandão? Nasceu em de abril de 1940, no Rio de Janeiro. Estudou em várias escolas, assim como residiu em vários estados do Brasil, como Goiás e São Paulo, bem como no Distrito Federal. É reconhecido pela participação militante nos Movimentos de Cultura Popular, a partir de 1960. Trabalhou no Movimento de Educação de Base, e essa experiência foram o ponto de partida para seus escritos sobre Educação Popular, Pesquisa Participante, Cultura e Movimentos Populares. Paulo (2018) apresenta Brandão como um dos pioneiros da Educação Popular no Brasil (PAULO, 2018). Quem o conhece constata que, em sua trajetória, uma das suas marcas é a coerência entre o que diz e o que faz, cuja presença revela uma práxis cotidiana na luta pela defesa de uma educação transformadora e humanizadora, seja nos Movimentos Sociais Populares, na universidade, ou fora dela.

DA ENTREVISTA - CONVERSA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Fernanda Paulo: Brandão, meu amigo, poderia me contar um pouco mais sobre você?

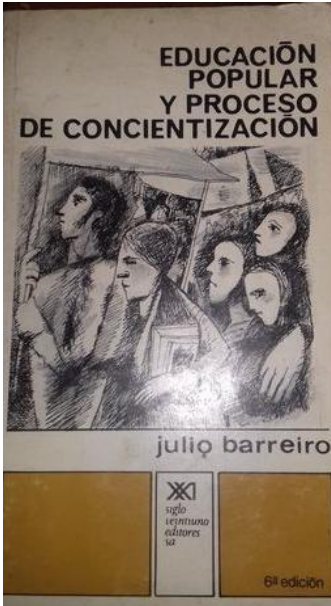
Carlos Rodrigues Brandão: *Nasci no dia 14 de abril de 1940, no Rio de Janeiro. Estudei em vários colégios e fui um precário estudante em quase todos. Formei-me em psicologia na PUC do Rio de Janeiro. Trabalhei no Movimento de Educação de Base. Tudo o que vivi e escrevi depois sobre educação e movimentos populares vem destas primeiras experiências com a cultura e a educação popular. Estudei Educação de Adultos no México, em um instituto da UNESCO, em 1966. Vivi em Brasília e Goiânia entre 1967 e 1975, trabalhando em movimentos sociais e como professor universitário, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Tenho Mestrado em antropologia social, na Universidade de Brasília. Ingressei na Universidade Estadual de Campinas em janeiro de 1976 e estou nela até hoje, aposentado como professor titular desde 1997, mas como professor colaborador voluntário. Fiz o doutorado em ciências sociais na Universidade de São Paulo, de onde fui professor visitante depois, em duas ocasiões. Sou professor livre-docente em Antropologia Simbólica pela Universidade Estadual de Campinas. Realizei um programa de pós-doutorado na Itália (Universidade de Perugia) e na Espanha (Universidade de Santiago de Compostela. Ao longo de minha vida, entre períodos de alguns meses ou de vários anos, lecionei em 12 universidades do Brasil e da Europa. Trabalho atualmente no Doutorado em Antropologia e no Doutorado em Ciência Sociais da UNICAMP, e também no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Tenho um pouco mais de 70 livros publicados nas áreas de antropologia, educação e literatura. Gosto de música e poesia. Divido a minha vida com uma presença de mais de 54 anos junto a associações e movimento ambientalistas e de frentes de lutas populares.*

Fernanda Paulo: Brandão poderia me contextualizar a Educação Popular com o sentido de libertação a partir da sua inserção no tema?

Carlos Rodrigues Brandão: *A chegada da Educação popular é muito curiosa. A Educação Popular na minha vida passa pelo meu ingresso na Juventude Universitária Católica, a JUC (que viria a ser a Ação Católica depois). Eu sou da geração de Marcos Arruda, Leonardo Boff – eles faziam parte desse movimento. Paulo Freire não fez parte da JUC e não foi da Ação Católica. Encontrei-o depois, na militância da educação popular. Foram muitas pessoas que se envolveram com a cultura popular – depois chamada de Educação popular. Era um tempo de uma extrema militância. Eu acho que, para compreender isso de inserção na Educação Popular é preciso ter um olhar mais abrangente, por exemplo, se você conversar comigo e o **Osmar [Fávero]**, depois conversar com o **Gadotti** depois com o **Celso [Beisiegel]**, cada um vai dar uma visão diferente; com a **Vanilda [Paiva]** mais ainda, porque o que importa na educação popular é o seguinte, primeiro, ela não nasce como educação popular, quando ela surge o que se tem é uma proposta de movimento de cultura popular. Nos anos 60, vai surgir pesquisa participante, eu até costumo dizer que foram as três experiências latinas americanas, basicamente, que acabaram repercutindo no mundo inteiro: a educação popular, a teologia da libertação e a pesquisa participante*

Fernanda Paulo: Poderia me destacar algumas das tuas memórias da Educação Popular pela América Latina?

Carlos Rodrigues Brandão: *Em 1969 fiz várias viagens pela América Latina. Até escrevi um livro, que não saiu com meu nome, já te contei isso, mas é o "Educação Popular e Conscientização", que saiu pela Vozes, 10 anos depois. Eu sou o tradutor do meu próprio livro. Entre 1963 e 1970, fiz muitas viagens clandestinas para ministrar cursos sobre Paulo Freire e Educação Popular em vários países da América Latina (estive Costa Rica, Peru , entre outros) Era tempos duros aqui, de profunda repressão. Foi nesse tempo que eu escrevi um livro que se chama "barreiro educación popular y proceso de concientización. Aqui tem uma história que você já conhece. Na hora de pôr o nome do autor do livro o nosso grupo concluiu que seria muito perigoso sair o meu nome. Então eu sugeri um nome fictício. Seria Manuel Rodrigues, guerrilheiro chileno. Mas não deu porque tinha que ser um autor real. Sugeri um amigo meu, o Julio Barreiro, um teólogo comprometido. Ele me emprestou o seu nome. Esse livro teve várias edições. Lembro que quando houve um golpe na América Latina, foi destruído mais de mil exemplares.*



Fernanda Paulo: Você teve participação no Movimento de Educação de Base. Poderias me contar um pouco sobre a relação entre teologia da libertação e Educação Popular a partir do MEB?

Carlos Rodrigues Brandão: *Antes da entrevista você me perguntou se a teologia da libertação nasceu no MEB aqui no Brasil. Não quer dizer que a teologia da libertação surge do MEB inclusive porque o MEB era um movimento de leigos; trabalhava muito pouco a religião, embora fosse da igreja, até nos tínhamos um problema concreto com a igreja, exatamente isso, porque no MEB havia muitos participantes, educadores importantes, inclusive o Raul Landim que era o nosso filósofo e o padre Henrique Vaz era o nosso pensador mais profundo; Também havia muitos que não eram cristãos; inclusive eu me lembro que o Luís Eduardo Vanderlei que trabalhava com sindicalismo cristão. A tese dele é importante, teve bispos que proibiram a entrada dele na diocese, pois ele era considerado comunista. Foi à grande acusação de bispos para produzirem aquele golpe no MEB, demitiram numa sentada a equipe inteira, é de que o MEB estaria infiltrado de comunistas da AP (ação católica). Vale lembrar que tem uma serie de livros de militantes cristãos de esquerda; tem o livro de Osmar. Na tua entrevista com ele, Osmar vai te falar de um livro de um americano ou canadense sobre o MEB, acho que nunca foi traduzido para o português: Católicos Radicais da Igreja [Emanuel de Kadt], que é um estudo sobre o MEB. O Osmar tem aquele livro que você conhece – faz relações entre Educação Popular e o MEB. A teologia da libertação nasce como experiência católica, depois ecumênica, posteriormente vai envolver grupos protestantes inclusive muito avançados, mas ela é uma experiência de igreja, então digamos assim, ela tem uma casa, já a educação popular não tem casa ela pipoca. [Fernanda diz: ela é itinerante,*

então. A Equipe do MEB de Goiás teve articulação com movimentos sociais, de educação e de cultura popular, como a JUC, AP, UNE, o CPC e Instituto de Cultura Popular, Sindicalismo Rural. Um dos pensadores daquele MEB que contribuíam com a politização e construção da consciência crítica era o padre Henrique Vaz, Raul Landim Filho e também o Paulo Freire – havia outros. Trabalhava-se na perspectiva da luta pela transformação social. Eu fui da JUC e fui do MEB, fui da AP quando se chamava de grupão, bem no início. Mas não continuei filiado a grupo nenhum. Fui do MEB Goiás. Durante esse tempo de Goiás, eu fiz um trabalho ligado à Igreja, participando de um grupo chamado igreja e Sociedade no América Latina- ISAL, através dele eu fazia viagens pela América Latina. Foi um grupo perseguido e destruído em alguns países (Argentina, Chile, Bolívia...). Esse grupo deu origem ao CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Tem textos de Educação Popular publicado por eles.

Fernanda Paulo: Posso dizer que a educação entrou na sua vida por meio da Educação Popular?

Carlos Rodrigues Brandão: *Pois é, a gente falava em cultura popular, animação popular, trabalho nas comunidades rurais, depois foi chamado de Educação Popular. Nessa época eu não trabalhava com a educação escolar. Eu trabalhava, eu metido na Educação popular. Eu era da JUC e do MEB.*

Fernanda Paulo: Qual a tua aproximação com Freire no contexto da universidade?

Carlos Rodrigues Brandão: *Fui colega de Paulo na universidade, na Unicamp. Não sei se recordas da carta que recebi da Vanilda falando sobre a vinda de Freire para a Unicamp e nosso projeto de um mestrado em Educação Popular. [sim, lembro, estou com cópia da carta para a tese¹]. Convivi com Paulo Freire desde o seu retorno ao Brasil até sua morte. Enviei para a sua casa o jornal da conferência pública realizada em Goiânia no ano de 1989. Fomos e voltamos juntos. Inclusive tem artigos de Paulo em livros como: organizados por mim: O educador vida e morte, A questão política da educação popular e Pesquisa participante.*



Fernanda Paulo: Gostaria de falar sobre as cartas que vocês trocavam. Tens cartas trocadas com Paulo Freire?

Carlos Rodrigues Brandão: *Somos de um tempo em que nos escrevíamos cartas. Longas cartas, quando comparadas com bilhetes e mensagens por e-mail de duas linhas.*

¹ A carta pode ser encontrada em Paulo (2018).

Entre amigos escrevíamos cartas a mão, e depois começamos a escrever cartas a máquina/datilografadas. Para amigos íntimos continuávamos a escrever a mão. Cartas com assuntos profissionais eram datilografadas. Em outros tempos quase tudo era escrito na máquina de escrever e a gente usava papel carbono para guardar a carta enviada junto com a carta recebida. Tenho algumas cartas lá na Rosa dos Ventos. Mas muitas foram queimadas e rasgadas. Tenho sempre me lembrado dos anos duros da ditadura militar, um sem-número de cartas, de documentos e de rascunhos foi destruído. Eu mesmo queimei uma quantidade imensa de velhas cartas. Algumas das cartas destruídas foram aquelas para Paulo Freire e para outros exilados. Mas devo ter alguma carta no acervo².

Fernanda Paulo: Para encerrarmos essa parte da entrevista, gostaria que retomasse a Educação Popular aqui no Brasil. Quando ela é usada no sentido que a compreendemos hoje?

Carlos Rodrigues Brandão: *A Cultura popular/ Educação Popular já era usada nos anos 60 e 70, palavras escritas e faladas com o sentido de conscientização, politização, libertação e emancipação. Osmar Fávero (a memória viva da Educação Popular) reuniu em um livro histórico [Cultura Popular educação popular – memória dos anos 60, de 1982] escritos da primeira equipe de trabalho de Paulo Freire - o que mais tarde veio a ser chamado de “educação popular”. O MEB acompanha desde o seu início uma vocação popular e emancipatória. Um trabalho de “conscientização politizadora” como fundamento da educação de base. O primeiro Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, celebrado no Recife, em Pernambuco, em setembro de 1963 tem a ausência das palavras “educação popular”. A alfabetização é associada diretamente à Cultura Popular. Em Angicos, Paulo Freire e sua equipe de Pernambuco, iniciam uma experiência de alfabetização que anos mais tarde veio a se chamar educação popular. Tem a CEPLAR [Campanha de Educação Popular - João Pessoa/Paraíba, 1962- 1964] é lembrada como um movimento de Educação Popular que usava a expressão Educação Popular .*

Saber mais:

BARREIRO, Júlio. **Educação popular e conscientização**. Tradução de Carlos Rodrigues Brandão. Petrópolis: Vozes, 1980.

BEISIEGEL, Celso de R. **Estado e educação popular:** (um estudo sobre a educação de adultos). São Paulo: Pioneira, 1974. BRANDÃO, C. R. (org.) **A questão política da educação popular**. São Paulo; Editora Brasiliense, 1980.

² Sobre cartas trocadas com Freire pode ser localizado em PAULO, F. S.; DICKMANN, I.(org.) **Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão:** contribuições para a Educação Popular. Chapecó: Livrologia, 2021.

- BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- BRANDÃO, Carlos R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, C. R. Carta Prefácio – Uma carta sobre cartas. *In*: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (org.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. (Coleção Paulo Freire, v. 2). 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2020a.
- FÁVERO, Osmar. (Org.). **Cultura Popular educação Popular: Memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.
- FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966)**. São Paulo: Autores Associados, 2006.
- PAIVA, Vanilda P. **Educação popular e educação de adultos**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1987
- PAULO, Fernanda S. **Pioneiros e Pioneiras da Educação Popular Freiriana e a Universidade**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- PAULO, Fernanda S. Osmar Fávero. *In*: PITANO, S. C.; STRECK, D. R.; MORETTI, C. Z. (org.). **Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2019.
- PAULO, Fernanda S.; DICKMANN, I. Cartas Pedagógicas: registro e memória na Educação Popular. *In*: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (org.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. (Coleção Paulo Freire, v. 2). 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2020a.
- PAULO, Fernanda S.; SANTOS, M. S. Cartas de Carlos Rodrigues Brandão e a educação não-escolar. *In*: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (org.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. (Coleção Paulo Freire, v. 2). 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2020a.
- PAULO, Fernanda S.; ZITKOSKI, J. J. A educação popular e a vocação ontológica do ser mais: um estudo da trajetória de Carlos Rodrigues Brandão na Universidade. **Ciência em Movimento – Educação e Direitos Humanos**, v. 18, n. 37, 2016.
- PAULO, Fernanda S. Pedagogia Latino-Americana e as Contribuições de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. *In*: LIMA, A. V.; PAULO, F. S.; TESSARO, M. (org.). **Educação popular e pesquisas participativas**. 1.ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020b.
- PAULO, Fernanda S. Centro Ecumênico de documentação e informação (CEDI). *In*: PAULO, F. S.; DICKMANN, I.(org.) **Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Educação Popular**. Chapecó: Livrologia, 2021.
- PAULO, Fernanda S. Legado de Celso de Rui Beisiegel. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 1, p. 233-244, 13 jun. 2019.